

ERA UM típico dia de junho em San Francisco, fresco e nublado. Ao ler o jornal, verifiquei o calor registrado na Costa Leste dos Estados Unidos. Também reparei que o Dia dos Pais se aproximava. Esse dia, como o das Mães, aliás, nunca tinham tido grande significado para mim. Em geral, considerava-os bons para os comerciantes e convenientes para as crianças.

Baixando o jornal, fitei uma foto pousada sobre minha secretária, tirada alguns verões antes no Maine. Meu pai e eu estávamos lado a la-

garros, de seu uísque, de seu rum. Decidi telefonar-lhe.

«Boa-tarde!», gritou ele do lado de lá. Minha mãe, pegando no outro telefone, disse-lhe para pôr o aparelho auditivo.

«Está aqui no bolso», informou papai, e pude ouvir o barulho que fazia remexendo dentro dele.

Mamãe me contou que o cachorro novo a estava pondo doida.

«Bem, na verdade, não é bem o bicho», es-

Um telefonema para meu velho

GEORGE EYRE MASTERS

do, de braços passados por cima dos ombros um do outro.

Examinei a fotografia mais de perto. De dentes superiores à mostra, meu velho sorria como um ex-jogador de hóquei grisalho. Havia sido um homem mais jovem quem costumava me perseguir pela praia e me atirava dentro d'água; tinha sido um homem mais forte quem me tinha ensinado a remar, a patinar e a partir lenha. Agora, com mais de 70 anos, os olhos afundavam-se em seu rosto anguloso e crestado pelo sol. Eu podia sentir o cheiro de seus ci-



clareceu ela. «É o seu pai. O Shep salta a cerca sempre que tem vontade e some. Então, seu pai fica todo aflito e resolve esperar até ele aparecer. Às vezes, anda por aí às 2 da manhã chamando pelo bicho, fazendo uma zoeira infernal. Quando o Shep volta para casa, ele começa a descompô-lo em espanhol, como se o bicho entendesse...»

«Mas ele está aprendendo!», contrapôs meu pai. «Sua mãe acha que eu sou burro, e, provavelmente, até tem razão.»

«Você continua gritando», disse mamãe.

Ignorando-a por completo, papai me perguntou como é que tinha passado, e eu lhe disse.

«Trabalhar de *free-lancer* é ótimo», afirmou então ele com sua voz em alto volume, «mas você precisa é de segurança. Não devia estar atrás do balcão de um bar nem trabalhando na construção civil. Afinal, você tem um curso superior: por que não o usa?»

«Ouça, parece que o Dia dos Pais está perto.»

«Ah, é?», espantou-se ele, que nunca se lembrava de datas.

Eu queria lhe dizer uma coisa, mas não sabia por onde começar. Queria agradecer-lhe pelos jogos de hóquei, de xadrez, pelos livros e pelos jantares de lagosta.

Não estava me esquecendo de que, nos passados 44 anos, tínhamos tido nossas diferenças, nos havíamos zangado, desapontado e insultado mutuamente. Mas esses tempos pareciam-me muito distantes. Queria pe-

dir-lhe desculpas por lhe ter dado um murro quando tinha 18 anos.

«Me desculpe por ter pulado no teto de seu conversível», acabei finalmente por dizer.

«Você só tinha 6 anos», replicou ele, sorrindo.

Continuei apressadamente:

«Lembra-se de quando eu quis dar açúcar ao burro lá no clube e você lhe deu uma palmada no lombo. O bicho lhe devolveu um coice valente...»

«Ah, foi sim», disse ele, rindo. «O diabo do bicho me deu cabo do joelho. Você sempre achou muita graça nessa história.»

«E lembra de todos os barcos que me levou para visitar?», acrescentei.

«É verdade que levei você para ver alguns», concordou ele. «Céus, você está mesmo me fazendo recuar no tempo!»

«Ádorei os barcos», disse-lhe então.

«Mas, mesmo assim, nunca consegui convencê-lo a entrar para a marinha. Você devia ser fuzileiro naval.»

Fiquei calado.

«E fomos de avião até a Califórnia», prosseguiu então ele. «Fomos dizer-lhe adeus antes de você partir para o Viet-Nam.»

«Ficamos no Newporter Inn», ajuntou mamãe.

«Lembro-me bem de que, nesse domingo à noite, você tinha de partir de helicóptero para apanhar um vôo qualquer em Los Angeles», continuou ele. «Eu o acompanhei até o heliporto e apertamos as mãos. Você estava de uniforme.» A voz faltou-

lhe. «Eu não sabia se voltaria a vê-lo. Aquela partida acabou comigo.»

«Eu sei», repliquei, sentindo um nó na garganta.

«Rezamos por você», acrescentou ele com voz trêmula. «Só vivíamos para suas cartas.»

«E eu só vivia para as de vocês», respondi-lhe. Tinha os olhos rasos de lágrimas e engoli para desfazer o nó que me apertava a garganta.

«Afinal eu lhe telefonei para desejar um feliz Dia dos Pais.»

Finalmente, consegui dizer:

«Obrigado por ser meu pai.»

Na outra extremidade do fio, ele ficou em silêncio. Mamãe também. A estática da chamada de longa distância enchia o vazio.

«Gostaria de ter sido um pai melhor», me confessou ele por fim, num tom baixo.

«Você foi um ótimo pai», repliquei. «Ninguém poderia ter tido um melhor.»

«É simpático de sua parte dizer isso, mas não é verdade. Quem me dera que fosse.» Ao dizê-lo, o desgosto embargava-lhe a voz. «Bom, e agora tenho de desligar. Vou fazer você pagar uma conta de telefone astronômica!»

A voz lhe tremia.

«Deixe a conta para lá», disse-lhe. «Eu adoro você, papai.»

«Eu também te adoro», replicou ele, apressado, e desligou.

«Você sabe como seu pai fica», observou mamãe meigamente no outro telefone.

«Sei mesmo», respondi, e despedi-me.

Depois de ter desligado, fiquei olhando para a fotografia de meu pai comigo, os dois juntos, no Maine. Limpei os olhos e sorri para a imagem, ao mesmo tempo que assoava o nariz. «Pois é», pensei com meus botões. «Sei exatamente como é que ele fica.»

«A CALL TO MY OLD MAN», DE GEORGE EYRE MASTERS, DO LIVRO «SONS ON FATHERS», DE RALPH KEYES, COPYRIGHT © 1992 DE RALPH KEYES, PUBLICADO EM BROCHURA POR HARPERCOLLINS PUBLISHERS, INC., NOVA YORK. FOTO: ROBERT MILAZZO

Bem explicadinho

MINHA irmã foi jantar fora com uma amiga. Depois de consultar o cardápio, perguntou ao garçom:

— A costelinha como é?

E este respondeu:

— Então, madama, a costelinha é um pedacinho de carne, um pedacinho de osso, um pedacinho de carne...

— Paula Rede Leão, Portugal

CERTO dia, numa loja de fazendas, minha mãe, para melhor precisar a cor do tecido que desejava, pediu ao empregado:

— Queria uma fazenda cor de café com leite.

Ao que o empregado retorquiu:

— Com muito ou pouco leite?

— Marta Gama Pestana, Portugal